

Anexo IV – Textos Complementares

Neste anexo, figuram os textos que por não fazerem parte deste estudo, não necessitam de estar no corpo do texto, mas que são pertinentes para entender a génese das unidades museológicas de Portalegre. Foi assim analisada a vida e obra de José Régio, a história da Manufatura de Tapeçarias de Portalegre e da Fábrica Robinson.

Para melhor poder analisar e interpretar a coleção Antoniana houve ainda a necessidade de pesquisar sobre a vida e iconografia de Santo António de Lisboa.

IV. I - Breve biografia de Santo António de Lisboa

Fernando Martins de Bulhões, nome de batismo de Santo António, nasceu em Lisboa provavelmente em 1195, oriundo de uma família da burguesia citadina, viveu junto à Sé de Lisboa onde fez os primeiros estudos durante 6 ou 7 anos.

Com o pai, Martinho de Bulhões, cavaleiro de D. Afonso II, aprendeu a andar a cavalo, caçar e manejar a espada. Frequentou festas nobres. No entanto, apesar desta vida de aparente luxo sempre lhe inculcaram as virtudes cristãs onde imperavam, a caridade, o cuidado dos pobres e dos que sofrem. Desde cedo que participava na eucaristia.

Quando tem que fazer uma opção ingressa nos cônegos regentes de Santo Agostinho, no Mosteiro de São Vicente de Fora em Lisboa, passando depois para o Convento de Santa Cruz de Coimbra onde estudou ciências, teologia mas principalmente as Sagradas Escrituras. Foi neste Convento que se torna sacerdote, em torno de 1218/1219.

Decorria o ano de 1220 quando chegaram ao Convento as relíquias dos mártires de Marrocos, acontecimento que mudaria para sempre a vida de Fernando de Bulhões. Adoptando o nome de António, ingressou nesta mesma cidade na Ordem dos Franciscanos, no Convento de Santo Antão dos Olivais, partindo em seguida em missão teológica para Marrocos. A sua permanência em terras infiéis será breve, pois adocece e vê-se forçado a regressar a Lisboa. O barco em que viajava é apanhado por uma tempestade que o leva até à costa da Sicília, tendo permanecido em Itália.

Em 1221, na cidade de Roma, participa nos Capítulos Gerais da Ordem Franciscana, onde conhece o fundador da Ordem, Francisco de Assis. António destaca-se como orador, sendo convidado a ensinar teologia em França e Itália.

No final da vida fixa-se próximo de Pádua onde se dedicou à pregação. Já doente, os monges do convento onde se tinha instalado relatam que o viram a falar com o Menino Jesus, estando este ao seu colo. Este facto lendário explica a iconografia do Santo que é mais recorrente nas suas representações.

António viria a falecer a 13 de Junho de 1231, em Pádua.

Foi canonizado um ano depois pelo Papa Gregório IX na catedral de Espoleto, o que o tornou um caso único na história da igreja católica, sendo proclamado doutor da igreja em

1946 pelo Papa Pio XII. Os inúmeros milagres que lhe são atribuídos transformaram-no num dos maiores taumaturgos portugueses.

Santo António foi uma das figuras que mais marcou o seu tempo, ainda hoje é respeitado e homenageado, especialmente pelas duas cidades que o viram nascer e morrer, respetivamente, Lisboa e Pádua.

Em 1895, o Cabido da Sé de Portalegre apela ao Bispo desta cidade D. Gaudêncio José Pereira que torne Santo António padroeiro da cidade e da diocese de Portalegre. D. Gaudêncio “publica um edital, em 31 de Maio de 1895, através do qual pede a intervenção dos fiéis da Diocese na eleição do Padroeiro, segundo as normas exigidas pela Santa Madre Igreja na eleição de um patrono”¹. Assim, o Bispo - numa declaração de 14 de outubro de 1896 - faz saber que o Papa Leão XIII instituiu “Santo António, natural da cidade de Lisboa, Principal Padroeiro desta Cidade e Bispo de Portalegre, com todas as honras e privilégios que competem aos Padroeiros.”²

Santo António foi venerado ainda em vida como taumaturgo, após a sua morte a esta veneração veio juntar-se a proteção do sacramento do casamento e dos objetos perdidos.

IV.I.I - Iconografia do Santo

Por não se ter nenhuma imagem contemporânea do Santo, os artistas desde sempre o representaram com as mesmas características de S. Francisco de Assis. A imagem mais antiga data do século XIII, e representa S. António com S. Francisco e está na “pinacoteca de Perugia, Itália.”³ No entanto, será somente no século XV que as imagens do Santo se multiplicam.

Santo António é normalmente representado de pé com hábito franciscano apertado na cintura com um cordão com três nós que representam as virtudes franciscanas (pobreza, castidade e obediência). Os seus atributos são: o livro (o mais antigo), o Menino Jesus que é o mais difundido sobretudo a partir do século XVI e que pode aparecer sobre o livro, ou sobre os braços do Santo, o lírio e a cruz; estes últimos elementos normalmente são amovíveis o que leva a que muitas imagens já não os possuam.

Segundo Donald Attwater, no *Dicionário de Santos*:

“as estátuas de Santo António que se vêem com tanta frequência retratam-no com um ar “suave” de um jovem transportando o Menino Jesus e um Lírio e não lhe fazem justiça. Era forte e ousado, impiedoso para com os opressores dos indefesos e para com o clero de má conduta e em vida foi chamado “o martelo dos heréticos.”⁴

¹PATRÃO, J. Heitor – “Razão da Exposição” in PATRÃO, J. Heitor; ALVES, Sónia - *Exposição Santo António Padroeiro da Cidade e da Diocese - Museu Municipal de Portalegre* 17 a 26 de Maio 1996, Portalegre, 1996. p.3.

²Ibidem.

³Ibidem, p.4.

⁴ATTWATER Donald - *Dicionário de Santos*, Mem Martins: Publicações Europa América, 1992, p.57.

IV. II - José Régio o Poeta Colecionador

José Maria dos Reis Pereira nasceu em Vila do Conde a 17 de Setembro de 1901, no seio de uma família da pequena burguesia. Era filho de José Maria Pereira Sobrinho, um ourives local e de Maria da Conceição Reis.

José Pereira entrou para a escola primária já com 8 anos, pois os pais queriam que ele e o irmão Júlio, um ano mais novo, entrassem juntos para a escola. Os dois irmãos estudaram até ao 5º ano em Vila do Conde, passando de seguida para o Porto onde completaram o 6º e 7º ano de escolaridade. José Pereira entrou em 1920 para a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde se licenciou em 1925 em Filologia Românica com a tese *As Correntes e as Individualidades na Moderna Poesia Portuguesa*.

No dia 25 de Dezembro de 1921, o jornal *A República de Vila do Conde* publica o poema “Toada do Natal” onde “o Poeta assina pela primeira vez com o pseudónimo José Régio”⁵, nome com que ficou conhecido.

Ainda em Coimbra, no ano de 1927, José Régio funda conjuntamente com Branquinho da Fonseca e com João Gaspar Simões a revista *Presença* a qual foi publicada durante 13 anos, e que foi um marco no que ficou conhecido como o segundo modernismo português.

A sua vida como professor começou a 26 de novembro de 1928 quando foi nomeado professor provisório do Liceu Alexandre Herculano no Porto. No ano letivo seguinte passou para o Liceu Mousinho da Silveira em Portalegre onde leccionou português e francês e aí permaneceu até se reformar a 30 de janeiro de 1962.

José Régio chega a Portalegre em outubro de 1929 e instala-se na Pensão 21⁶, onde permaneceria pouco tempo, mudando-se de seguida para um dos quartos da dependência desta Pensão, no Alto da Boavista. Num dos seus textos José Régio descreve esta casa e as impressões que teve quando a conheceu:

“Quando pela primeira vez vi, de noite, a casa que se tornaria a minha Casa de Portalegre, - pareceu-me um casarão sinistro. O que tinha diante de mim era uma parede nua – raríssimas vezes a frontaria duma casa me deu tal impressão de nua, muda, fechada – com uma janela ao meio e outra de cada lado, estas mais pequenas e distanciadas. Por baixo da janela central, de sacada, havia uma porta estreita, sobre um degrau. À direita, um portão de armazém que se me afigurou tapado por uma única e enorme chapa. À esquerda, quase ao rés-do-chão, outra janela. Como cá de baixo se não via o telhado, que devia descer para um lado e outro, pois o remate da parede fazia ao centro um ângulo agudo, aquela fachada não parecia real. Ao mesmo tempo vivia duma vida intensa mas hostil, cerrada sobre si mesma. Erguida, para mais numa espécie de morro achatado e pedregoso, a que se ascendia por umas escadinhas de pedra, ficava fora da estrada e tinha qualquer coisa de cenário para uma história de pavor. Aliás,

⁵In <http://cvc.instituto-camoes.pt/joseregio/b2.html> [consultado em 22 agosto 2011].

⁶A Pensão 21 situava-se na rua 31 de janeiro em Portalegre.

eu já ouvira que um frade doutros tempos errava lá por dentro, a horas mortas, cumprindo qualquer pena para além da vida. [...] À luz do dia, o seu aspecto era tanto menos fantasmagórico.”⁷

De início alugou somente um quarto, ao qual tinha acesso se passasse por uma camarata ocupada por estudantes, facto que trazia alguns constrangimentos ao jovem professor que se queixava frequentemente do barulho. O próprio poeta diz que nesta casa andou de “quarto em quarto, conforme se despedia um hóspede e eu preferia o quarto que ele desocupava. Pensão sobretudo para professores e estudantes dirigida pela boa Senhora D. Ludovina, que breve se tornou uma das minhas melhores amigas.”⁸ Também refere que devido à ocupação das várias divisões “estoirara com a Pensão”⁹ e que até “a minha hospedeira tivera que emigrar para outra parte da casa, que possuía de comum com as irmãs”¹⁰. Houve todavia duas divisões que nunca foram ocupadas pelo Poeta - a cavalaria e a oficina do ferreiro. No entanto, apesar de ter passado a ocupar toda a casa efetivamente só vivia em duas pequenas divisões, o quarto de dormir e a biblioteca.

José Régio escreveu poesia, ficção, teatro, ensaios, e fez inúmeros desenhos. A sua primeira obra literária foi escrita em 1926, ainda em Coimbra, e intitula-se *Poemas de Deus e do Diabo*. No entanto, a maior parte da sua obra foi escrita na cidade de Portalegre. Nesta cidade colaborou ainda nos jornais locais *Alto Alentejo* e *A Rabeca*. Régio viu somente uma obra sua ser levada a cena, a peça *Benilde* pelo Teatro Nacional.

Para Régio colecionar era “muito mais que um gosto! um amor, uma paixão, uma mania, um vício”¹¹. Mas, confessava,

“o gosto das “coisas antigas” não me nasceu no Alentejo. Ainda gaiato, eu escapulia-me para um caminho subterrâneo que há em Vila do Conde, nas ruínas do claustro do antigo Convento [Santa Catarina], a procurar “caquinhos” de louça velha. Estudante em Coimbra, e, como se poderá supor, mal preparado financeiramente para tais aquisições, lá consegui adquirir três ou quatro peças a Mestre António Augusto Gonçalves. Aliás já meu avô paterno comprava, no seu tempo, móveis e imagens que tinham sido integradas no recheio de nossa casa, e eu olhava com olhos de curiosidade e cobiça. A coisa estava-me “na massa do sangue.”¹²

Em Portalegre, o gosto por coisas antigas adensou-se pois como o próprio diz “acabei por alugar o salão adstrito ao meu quarto, empurrando os estudantes para outro sítio. Foi isso o começo dum longo processo de anexação que só terminará (suponho...) quando todo

⁷RÉGIO, José – “A Minha Casa de Portalegre. Como Principia uma colecção de Velharias.” in VENTURA, António (Coord) - *José Régio e a Arte Popular*. Setúbal: Cordelito, 2001, p.183.

⁸Idem, p.184.

⁹Idem, p.186.

¹⁰Ibidem.

¹¹Idem, p.185.

¹²RÉGIO, José – “A Minha Casa de Portalegre. Como Principia uma colecção de Velharias”. in VENTURA, António (Coord) - *José Régio e a Arte Popular*. Setúbal: Cordelito, 2001, p.185.

o casarão estiver preenchido pela minha coleção de velharias. E foi também o verdadeiro começo dessa coleção.”¹³ Assim “para animar um pouco o vasto aposento nu, lembrei-me de comprar quaisquer móveis em segunda mão, quaisquer objectos decorativos que me alegrassem os olhos.”¹⁴

Nas horas vagas percorria os arredores de Portalegre em busca de velharias a fim de enriquecer a sua coleção. Contudo, também frequentava antiquários de Estremoz, de Elvas, de Campo Maior, de Portalegre, de Alter do Chão e de Lisboa.

As peças que colecionou foram fruto de compra, de oferta e de troca, encontrando-se hoje expostas publicamente nas suas duas casas museu, uma em Portalegre outra em Vila do Conde.

José Régio aproveitava as horas vagas que eram “depois das aulas, ou aos domingos e dias feriados, eu lá ia à caça. [...] Às portas da cidade, porém esperava-me um velho e dedicado companheiro com um jerico ou e macho”¹⁵ e lá iam eles em busca de velharias.

Nesses seus passeios em busca de coisas antigas, Régio contactava com o povo, entrava mesmo nas suas casas e ficava horas a ouvir as suas histórias. Nas redondezas era conhecido como o “homenzinho dos Cristos”¹⁶ ou “homenzinho dos pratos.”¹⁷

Os objetos, como confessava o colecionador, invadiam muito do “meu tempo e também do meu espaço”¹⁸. Passava “tardes de domingo a limpar as peças, não só pelo zelo na conservação, mas para lhes poder tocar e gozar o prazer de as possuir.”¹⁹ Percorria diariamente as salas só para observar as peças.

Com o passar do tempo as divisões da casa que habitava deixaram de ser suficientes para acolher uma coleção que aumentava de dia para dia e assim o Poeta viu-se obrigado a alugar em julho de 1954 à “família Silveira (nº 44 da Boa Vista)”²⁰ uma casa em frente à sua. Para lá foram as peças que não queria na coleção e que pretendia vender. Também contratou o marceneiro Manuel Maria dos Santos Bilé para restaurar as peças. Este viria a tornar-se um grande amigo, que o acompanhava nas suas buscas por antiguidades.

José Régio gastava para lá das suas posses na aquisição das peças de que gostava. Numa carta escrita ao irmão Apolinário, datada de 7 de fevereiro de 1952, Régio dizia que:

“Querida, juntamente com estas linhas, enviar-te um valezito que te ajudasse a festejar os ditos anos... Mas fui descobrir aqui nos arredores uma aldeia ainda virgem da cobiça dos

¹³Ibidem.

¹⁴Ibidem.

¹⁵Idem 185.

¹⁶Idem 186.

¹⁷PIRES, Maria José Maças; “Casa – Museu José Régio”. in VENTURA, António (Coord) - *José Régio e a Arte Popular*. Setúbal: Cordelito, 2001, p.34.

¹⁸RÉGIO, José – “A Minha Casa de Portalegre. Como Principia uma coleção de Velharias”. in VENTURA, António (Coord) - *José Régio e a Arte Popular*. Setúbal: Cordelito, 2001, p.186.

¹⁹MARQUES, João – “José Régio e a paixão das antiguidades – a sensibilidade de um artista e de um místico. *Boletim Centro de Estudos Regianos*, n.º 6–7, Câmara Municipal de Vila do Conde, Vila do Conde, 2000, p. 52.

²⁰VENTURA, António – “A Casa Velha, Tosca e Bela.” in VENTURA, António (Coord) - *José Régio e a Arte Popular*. Setúbal: Cordelito, 2001, p.14.

antiquários. Tinha lá tantas coisas capazes de fazerem perder a cabeça a um colecionador de arte popular - que lá gastei tudo o que tinha, e pode dizer-se que fiquei teso até ao fim do mês. ... Estas coisas acontecem aos poetas - antiquários com pouco dinheiro e pouca cabeça”²¹.

Mas este não é um relato único da falta de dinheiro do poeta, pois ao lermos a correspondência que trocou com familiares e amigos vemos que este é um episódio recorrente. Um dia convida os amigos João Tavares e António Luís Marcão (reitor do Liceu) a visitarem a sua casa e mostra-lhes uma escultura gótica de Santa Catarina da Alexandria. Sobre esta peça conta aos dois que ali estava “todo o meu ordenado deste mês.”²² Por vezes as dificuldades financeiras eram tão grandes que tinha de vender algumas peças que depois tentava reaver na sua maioria sem sucesso.

Algumas das peças marcaram de tal maneira o poeta que a elas dedicou poemas como é o caso de uma imagem policromada da Virgem Maria espelhada no poema “Nossa Senhora” ou do Cristo Crucificado escultura seiscentista oriunda do convento de S. Bernardo “Fraternidade” ou ainda do conto “Há mais Mundos”. No entanto será no texto *A história de um colecionador de antiguidades* que José Régio nos conta a sua paixão pelo colecionismo.

Dois Cristos marcaram o Poeta, o que comprou a uma mulher humilde e o da casa do Sapateiro. Ambas as histórias são contadas pelos amigos, pois ele nada deixou escrito sobre a origem das peças da sua coleção. O primeiro Cristo, peça do século XIV, pertenceu ao Convento de S. Bernardo e

“encontrou-o na casa térrea de um sapateiro da cidade, onde fora por causa de um baú que lhe comprou. Logo ao entrar, reparou nesta imagem aos bocados do Crucificado, dizendo-lhe o artífice que ia deitar “aquilo” ao lume. Régio perguntou se lho vendia juntamente com o baú, a que logo o sapateiro acedeu, não julgando haver alguém a quem “aquilo” pudesse interessar. Ao trazê-lo para casa, viu que estava cheio de percevejos. Pô-lo na sala ao lado do quarto, ao cimo das escadas. De noite, veio por 3 vezes ver a imagem e reconstitui-la. Para matar a bicharada, logo ele e o João Tavares, seu compadre, regaram-no com álcool e, de imediato, apagavam o fogo para não deteriorar mais a imagem.”²³

Régio estava muito apegado a esta imagem e só a deixou na Casa Museu de Portalegre pois pertencia à cidade. Este Cristo está possivelmente também representado

²¹PILOTO, Adelina; SANTOS, A. Monteiro dos - *José Régio Correspondência Familiar Cartas a seu Irmão Apolinário*. Vila do Conde: Edição dos Autores, Gráfica Vilar do Pinheiro, 2001, p.37.

²²MARCÃO, António Luís – “Santa Catarina de Alexandria.” in VENTURA, António (Coord) - *Boletim do Centro de Estudos José Régio* nº6. Portalegre: Edições Colibri, 2000, p.42.

²³MARQUES, João – “José Régio e a paixão das antiguidades – a sensibilidade de um artista e de um místico”. in *Boletim Centro de Estudos Regianos*, n.º 6–7. Câmara Municipal de Vila do Conde, Vila do Conde, 2000, p.53.

numa tapeçaria de Portalegre feita a partir de um desenho de José Régio, actualmente exposta na Casa Museu de Portalegre.

Arsénio da Ressurreição, na revista *A Cidade* nº 4, conta a história da venda de um Cristo encontrado pelos dois numa casa humilde de Castelo de Vide onde sobre um caixote de madeira se encontrava um Cristo que Régio insistiu em comprar, apesar das reticências iniciais da proprietária por aquela ser a única recordação que tinha da avó. A humilde mulher só aceitou em vendê-la por causa das dificuldades financeiras sentidas.

Devido à sua morte repentina não concretizou o último dos seus desejos, escrever *Memórias de um colecionador de Velharias* pois como o próprio dizia “cada peça da minha coleção tem uma história. A história que as trouxe até aqui.”²⁴

Em Portalegre fez grandes amigos que se reuniam no Café Central onde em animadas tertúlias discutiam política, filosofia, pintura, cinema, música, filosofia e teatro. José Régio marcou profundamente a vida cultural, a cidade de Portalegre e de toda a região.

Quando se reformou passou a viver em Vila do Conde, indo a Portalegre regularmente para ver as obras da futura casa museu e cuidar dos negócios das antiguidades.

José Régio morreu na sua cidade natal a 22 de dezembro de 1969 vítima de um enfarte do miocárdio. Na cidade de Portalegre os amigos prestaram-lhe homenagem nos jornais locais. Feliciano Falcão em *A Rebeca* de 25 de dezembro de 1969 afirma que “com a morte de José Régio, algo de nós morre também porque se apagou uma luz verdadeira [...] muitos o conheciam aqui em Portalegre. Porque foram quase 30 anos que o tivemos na nossa cidade como professor do Liceu.”²⁵

²⁴Idem, p.41.

²⁵FALCÃO Feliciano - *Na morte de José Régio*. in *A Rebeca*, Ano 54, n.º 2566 de 25-12-1969, p.1.

IV. III- Manufatura de Tapeçarias de Portalegre

A história da cidade de Portalegre está desde sempre ligada ao comércio da lã, fator que levou a que no século XVIII o Marquês de Pombal aí decidia estabelecer a Real Fábrica de Lanifícios nas instalações do antigo colégio Jesuíta de São Sebastião. A indústria da lã foi assim um dos pilares do desenvolvimento desta cidade do interior alentejano.

Portugal teve desde sempre uma grande tradição têxteis no entanto os grandes feitos épicos que vemos representados em tapeçarias foram “encomendadas em França e na Flandres, pois até ao século XVIII não existia a tradição da tapeçaria em Portugal. O terramoto de 1755 destruiu muitas tapeçarias o Marquês tentou criar duas fábricas Lisboa e Tavira mas não sobreviveram.”²⁶

Em 1926 por escritura de 22 de dezembro “foi constituída uma firma entre Eduardo dos Santos e Manuel do Carmo Peixeira, com a denominação Tapetes de Portalegre, Limitada.”²⁷ No ano de 1928 Manuel do Carmo Peixeiro funda nova fábrica no mesmo lugar, a Fábrica de Sedas de Portalegre.

Corria o ano de 1946 quando dois jovens colegas de escola decidiram abrir um negócio, são eles Guy Fino e Manuel Celestino Peixeiro. Ambas as famílias estavam ligadas à indústria têxtil, no entanto Manuel Peixeiro sugeriu a criação de uma “serração de madeira” mas como o próprio Guy Fino dizia “eu respondi que só sabia de lãs” e assim em 26 de setembro foi constituída a firma de Tapetes de Portalegre. Esta empresa tinha como intenção fazer reviver a tradição dos tapetes de ponto de nó no entanto a concorrência era grande e o negócio não progrediu.

Manuel do Carmo Peixeiro, pai de Manuel Celestino Peixeiro, fez um desafio ao dois jovens, fazerem tapeçaria mural utilizando um ponto que tinha inventado quando estudava engenharia têxtil em Roubaix, este ponto tinha “um efeito inovador onde os fios eram enrolados e entrelaçados.”²⁸ Assim surge o ponto de Portalegre e consequentemente a Tapeçaria Moderna em Portugal.

As primeiras três tapeçarias foram ainda feitas na Fábrica das Sedas de Portalegre no entanto a empresa veio a instalar-se em 1947 na extinta Real Fábrica de Lanifícios que por sua vez estava instalada no antigo colégio dos Jesuítas.

O primeiro cartão que deu origem a uma tapeçaria é da autoria do pintor e amigo dos dois jovens João Tavares e intitula-se “Diana”. A composição entrou no tear em Setembro de 1946 e saiu no verão seguinte.

²⁶FINO, Vera – “Apresentação da Manufatura de Tapeçarias de Portalegre”. in BARBOSA, Maria Manuel Pinto et. al. - *Matéria e Cor Tapeçarias de Portalegre* Exposição Galeria e sala Ogival – Castelo de S. Jorge, Lisboa: Gráfica Maiadouro, 2005, p.25.

²⁷SILVA, Luís F. Lopes da - *Roteiro e Subsídios para a História da Cidade de Portalegre*. Portalegre: Orbis Edições Ilustradas, Lda, 1981, p. 70.

²⁸HALLETT, Jessica – “Pontilhismo no Tear”, in GASPARG, Diogo (coord) - *Nós na Arte – Tapeçarias de Portalegre e Arte Contemporânea*. Lisboa: Museu da Presidência da República, 2009, p. 43.

Nos primeiros anos os dois jovens enfrentaram grandes dificuldades e os prejuízos avolumaram-se. No entanto o espírito combativo de Guy Fino nunca desistiu de provar “a viabilidade duma nova técnica.”²⁹

A primeira divulgação das tapeçarias e a tentativa de se afirmarem no mercado foi realizada por Guy Fino entre maio e junho de 1949 na IV Exposição Geral de Artes Plásticas em Lisboa, onde expõe três tapeçarias o “Pescador” de Maria Keil, a “Bela Aurora” de Júlio Pomar, a “Vaca” de Lima Freitas e um cartão da autoria de Mário Dionísio, pois a respectiva tapeçaria não foi concluída a tempo.

Alguns dias depois estiveram também representados no 1º Salão Nacional de Artes Decorativas no Palácio Foz com cinco tapeçarias; “Bailarina” de Almada Negreiros, “Ultima Ceia” de Manuel Lapa, “Caçador” de João Tavares, “Primavera” de Jorge Barradas e “S. Francisco de Assis” de Ventura Porfírio.

Em 1952 o Museu de Arte Antiga realizou uma antologia de tapeçarias francesas intitulada “As Tapeçarias Francesas da Idade Média ao Presente”, Guy Fino viu assim mais uma oportunidade de valorizar as tapeçarias de Portalegre e de as poder comparar com as francesas e expôs no Palácio Foz, duas tapeçarias com os respectivos cartões que Guilherme Camarinha tinha feito para o Governo Regional da Madeira. As tapeçarias intitulam-se a “Descoberta da Madeira” e “Funchal Porto Atlântico.” Esta exposição foi visitada pelo Presidente do Concelho António de Oliveira Salazar e por outros membros do governo que se renderam aos magníficos trabalhos e as possibilidades plásticas, térmicas e acústicas que proporcionavam. Começou assim uma série de encomendas estatais que se prolongaram durante as duas décadas seguintes. As tapeçarias foram colocadas nos novos edifícios estatais, muitas vezes integradas na arquitetura onde ganharam lugar de destaque. Com estas encomendas a Manufatura tornou-se viável. A exposição do Palácio Foz foi ainda visitada pelos franceses que a apreciaram bastante. No entanto Guy Fino não conseguiu nesta altura cativar para esta nova técnica Jean Lurçat, considerado o renovador da tapeçaria francesa.

Estas duas exposições serviram também segundo Guy Fino para “demonstrar aos incrédulos que era possível como o foi, ter uma técnica de tapeçaria puramente portuguesa capaz de honrar as mais nobre e fiel de todas as fibras existentes: a lã.”³⁰

Em maio de 1952 Guy Fino deslocou-se a França para tentar convencer Jean Lurçat de que as tapeçarias de Portalegre também tinham bastante qualidade, no entanto não teve resultados positivos. Jean Lurçat ofereceu a Mercedes Fino, mulher de Guy Fino, uma tapeçaria “Le Coq Guerrier” tecida com a técnica francesa. Quando em 1958 Jean Lurçat

²⁹AZEVEDO, Fernando; SILVA, Maria do Carmo Marques da.- *50 Anos de Tapeçaria em Portugal – Manufatura de Tapeçaria de Portalegre*. Lisboa: Eurolitho, Impressores Gráficos,1996, p.18.

³⁰Idem, p.18.

visitou a Manufatura de Tapeçaria de Portalegre, Guy Fino que havia mandado tecer uma cópia da tapeçaria oferecida, confronta-o com as duas peças e Jean Lurçat escolheu como sendo sua a tecida em Portalegre. Estava, assim selada uma parceria que se manteria até à morte na década de 60 de Jean Lurçat e que levou ao aparecimento de 80 tapeçarias. A primeira das quais foi tecida ainda em 1958 e intitula-se “Chanteclar.” Numa entrevista a um jornal francês Jean Lurçat “o maior mestre da tapeçaria moderna”³¹ diz que “Oui: Portalegre les meilleurs Tapissiens du monde.”³²

Em 1951 por razões profissionais Manuel Celestino Peixeiro afastou-se da gestão da fábrica, vindo mais tarde em 1954 a vender a sua cota, ficando assim Guy Fino como sócio único. No ano de 1962 a fábrica de Tapetes de Portalegre Lda mudou de nome para Manufatura de Tapeçaria de Portalegre (MTP), nome que se mantém até hoje, assim como o destino da firma que permanece na família Fino.

Nos primeiros anos como o próprio Guy Fino dizia “a Manufactura dava prejuízo, atingimos hoje (1969) a posição contrária.”³³

Durante os anos de 1965 a 1975 a Manufatura teve grande volume de negócios, no entanto com o 25 de Abril de 1974 as encomendas caem a pique, por um lado porque o maior comprador era o Estado por outro porque os compradores internacionais sentiram a insegurança e retiraram as suas encomendas. Guy Fino vê-se forçado a arranjar novos compradores surgindo assim uma nova carteira de clientes como é o caso de inúmeros hotéis, bancos, empresas e fundações de onde se destaca a Fundação Calouste Gulbenkian. Esta última tem a maior coleção de tapeçarias de Portalegre existente.

Nos primeiros anos as Tapeçarias contaram com a colaboração de alguns artistas amigos de Guy Fino como é o caso de João Tavares, Guilherme Camarinhas, Renato Torres, Correia Rebocho, Jorge Barradas ou Marcelo de Moraes.

Nos anos de prosperidade muitos artistas procuraram a Manufatura para se fazerem representar são eles: Cruzeiro Seixas, Cargaleiro, Dordio Gomes, João Abel Manta; Maria Keil; Lima de Freitas, Eduardo Nery; Júlio Resende, Júlio Pomar, Rogério Ribeiro; Manuela Casimiro, Lurdes de Castro; Menez; Vieira da Silva entre outros.

Em 1964 o conceituado pintor e arquitecto Le Corbusier fez um cartão para uma tapeçaria “Les Deux Musiciens”, o artista pretendia mesmo continuar a colaborar com a tapeçaria, no entanto não o conseguiu fazer pois viria a falecer poucos meses depois.

Também a partir da década de 60 muitas foram as galerias em Portugal e pelo Mundo fora que tiveram expostas as tapeçarias de Portalegre, são elas Suíça, Austrália, Estados

³¹“Oui: Portalegre les meilleurs Tapissiens du monde” in *O Distrito de Portalegre*, Ano 82, n.º 4941 de 16-10-1965, p.1

³²Ibidem.

³³“Cinquentenário da Manufactura das Tapeçarias de Portalegre” in *Fonte Nova*, Ano XII, n.º579 de 20-06-1996, p.13.

Unidos entre outras. Desta forma “os artistas nacionais se projectam em Museus e colecções internacionais, como artistas estrangeiros passaram a enviar cartões”³⁴ para se produzirem as Tapeçarias de Portalegre.

As tapeçarias de Portalegre surgem a partir de um cartão original de um artista o qual é ampliado para o tamanho final com o auxílio de um episcópio ou mais recentemente de um diapositivo colorido para um papel quadriculado com 2 mm, onde cada quadrícula representa um ponto. O desenho tem de ser corrigido, comparado com o original e escolhidas as cores entre as 7 mil que a paleta de lãs da manufatura pode proporcionar. O ponto de Portalegre proporciona uma total fiabilidade ao cartão que lhe deu origem.

Os teares utilizados são verticais e as tapeçarias são tecidas manualmente a partir da base e pelo avesso, o trama decorativa “é composto por 8 cabos o que permite misturar cores diferentes no mesmo trama o que dá um efeito cromático rico.”³⁵ Uma tapeçaria “cresce a um ritmo de, em média 3 cm por dia.”³⁶

Nesta técnica “um ponto equivale a envolver dois fios de teia, por isso se for envolvido só por um dá meio ponto o que lhe permite pequenos pormenores e obter formas muito precisas.”³⁷

Após a tapeçaria sair do tear “há ainda que ultimar a obra – garantir que fica em perfeita esquadria, dar-lhe um último tratamento anti traça e fazer as bainhas. Por último o artista tem que aprovar “considera a tapeçaria como obra sua”. Assinar o *bolduc* (pequena etiqueta de pano onde a tecelagem é identificada por número de obra e número de série título dimensões e nome do pintor) que será colocado do lado do avesso e dará origem ao pagamento dos direitos de autor.”³⁸

Desde 1987 que em Lisboa, por uma questão de visibilidade, a MTP tem a Galeria Tapeçarias de Portalegre onde expõe as suas obras, ao mesmo tempo que estão armazenadas as que estão prontas para ser entregues.

As Tapeçarias de Portalegre estiveram expostas em diversas exposições por todo o mundo. Em 1991, vinte tapeçarias estiveram patentes na Europália em Bruxelas.

³⁴COSTA, Sandra Vaz e PAIS, Ana Cristina – “Roteiro do Museu da Tapeçaria de Portalegre – Guy Fino.” in BARBOSA, Maria Manuel Pinto et. al. - *Matéria e Cor Tapeçarias de Portalegre* Exposição Galeria e sala Ogival – Castelo de S. Jorge, Lisboa: Gráfica Maiadouro, 2005, p.35.

³⁵FINO, Vera – “Apresentação da Manufatura de Tapeçarias de Portalegre.” in BARBOSA, Maria Manuel Pinto et. al. - *Matéria e Cor Tapeçarias de Portalegre* Exposição Galeria e sala Ogival – Castelo de S. Jorge, Lisboa: Gráfica Maiadouro, 2005, p.25.

³⁶FINO, Vera – “A mais nobre expressão da lã.” in GASPARG, Diogo (coord) -*Nós na Arte – Tapeçarias de Portalegre e Arte Contemporânea*. Lisboa: Museu da Presidência da Republica, 2009, p. 20.

³⁷FINO, Vera – “Apresentação da Manufatura de Tapeçarias de Portalegre.” in BARBOSA, Maria Manuel Pinto et. al. - *Matéria e Cor Tapeçarias de Portalegre* Exposição Galeria e sala Ogival – Castelo de S. Jorge, Lisboa: Gráfica Maiadouro, 2005, p.25.

³⁸FINO, Vera – “A mais nobre expressão da lã.” in GASPARG, Diogo (coord) -*Nós na Arte – Tapeçarias de Portalegre e Arte Contemporânea*. Lisboa: Museu da Presidência da Republica, 2009, p.20.

Desde 5 de agosto de 2005 que a MTP está instalada no Antigo Lagar da Quinta das Beatas. Este novo espaço conta com “uma sala de exposição, e três salas de trabalho (teares, desenho e lavagens de tapeçarias).”³⁹

Mais de duas centenas de artistas nacionais e estrangeiros deram origem às Tapeçarias de Portalegre. Se nos primeiros tempos era a manufactura que procurava os artistas para fazerem cartões que depois davam origem às tapeçarias, cada vez mais e devido às reconhecidas capacidades plásticas que o ponto proporciona são os artistas que pretendem ver a sua obra representada através desta técnica. Podemos encontrar Tapeçarias de Portalegre um pouco por todo o mundo quer nos mais famosos Museus quer em coleções particulares.

Devido às qualidades técnicas e artísticas já apresentadas muitas vezes as Tapeçarias foram escolhidas como presente de Estado.

³⁹“59 anos depois... Manufactura de Tapeçarias muda de lugar.” in *Fonte Nova*, Ano XXI, nº1284 de 16-08-2005, p.10.

IV.IV - Fábrica Robinson

Não podemos falar na Fundação Robinson sem primeiro falar da família que em meados do século XIX começou a construir a Fábrica Robinson, marcando assim para sempre a vida daquela pacata vila alentejana. Muita da sua história ainda está por escrever, pois a documentação existente é exígua, mas muitas são as memórias que foram passando de geração em geração.

A indústria corticeira começou a desenvolver-se em Portugal na segunda metade do século XIX, apesar de desde sempre se terem conhecido várias utilizações para a cortiça. Por esta altura o país estava na “esfera da influência britânica”⁴⁰, muitas famílias inglesas instalaram-se no nosso país, de norte a sul, para aproveitar as excelentes matérias primas que estavam à sua disposição, sejam elas o vinho ou a cortiça como é o caso de Portalegre.

No ano de 1837 o inglês Thomas Reynolds fundou uma pequena oficina para transformação de cortiça numa das dependências do extinto convento de São Francisco.

A família Robinson tinha uma fábrica de transformação de cortiça em Halifax (Yorkshire) Inglaterra e importava de Portugal a matéria-prima. George Willian Robinson desloca-se então a Portugal para fazer negócio com os empresários locais, visitando diversas “localidades do litoral - Moita, Setúbal, Sintra – dirigindo-se depois a Portalegre”⁴¹ onde contacta com o seu conterrâneo.

Em 1848 George Willian Robinson instalou-se em Portugal e comprou a fábrica aos Reynolds. Assim estava perto da matéria prima e podia contar com o saber ancestral das gentes locais para trabalhar na cortiça. De início a fábrica produzia pranchas enfardadas, rolhas, quadros e boias.

Passados poucos anos, em 1854, começou a pensar expandir o negócio, “arrendando ao Estado parte das instalações do convento – seis casas e quintal, refeitório e parte do Dormitório da direita [...] e da sua cerca”⁴². Estas parcelas de terreno ficavam em redor da pequena oficina e assim surgiu um dos primeiros núcleos da fábrica. Em 1868, acabou por comprar em hasta pública, à Fazenda Nacional, parte do extinto Convento de S. Francisco.

George Robinson passou a administração da fábrica, em 1881, ao filho George Wheelhouse Robinson que já havia nascido em Portalegre no dia 17 de setembro de 1857. Neste mesmo ano, no Inquérito Industrial de 1881, consta que a FB tinha já 560 operários, na sua maioria mulheres, sendo a principal atividade o fabrico de rolhas. George Wheelhouse Robinson estudou em Inglaterra, ao chegar a Portugal “introduz profundas

⁴⁰SILVA, Luís Nuno Espinha – “A evolução da industria no século XIX.” In GOUVEIA, António Camões (dir.) - Publicações da Fundação Robinson nº 3. *ArqRob. O arquivo da Fundação Robinson*. Portalegre: Gráfica Maiadouro, 2007, p. 32.

⁴¹VENTURA, António – “Para uma Cronologia da Fábrica Robinson” in GOUVEIA, António Camões (dir.) - Publicações da Fundação Robinson nº 0. *Para a História da Fundação*. Portalegre: Gráfica Maiadouro, 2007, p.11.

⁴²VENTURA, António – “Para uma Cronologia da Fábrica Robinson” in GOUVEIA, António Camões - Publicações da Fundação Robinson nº 0. *Para a História da Fundação*. Portalegre: Gráfica Maiadouro, 2007, p.20.

alterações tecnológicas (máquinas a vapor, gerador eléctrico, novos métodos de corte e brocagem de rolhas, etc), racionalização lay-out's produtivos, melhorias produtivas"⁴³. George Wheelhouse Robinson colocou assim a Fábrica Robinson na "vanguarda da indústria corticeira e dá-lhe fama internacional."⁴⁴

Em 1883 os Robinson adquiriram o olival que ficava nas traseiras do Convento de São Francisco, nesta zona nasceram anos mais tarde "diversas linhas de produção"⁴⁵.

Nos anos de 1888, 1889, 1891, 1892 George W. Robinson adquiriu quatro fábricas em S. Vicente de Alcântara (Espanha), "estas aquisições permitiam-lhe transformar toda a cortiça da região e a permuta de operários dos dois lados da fronteira quando a situação assim o exigia"⁴⁶, tornou-se assim, no virar do século, um dos maiores empregadores da região.

Quando George Robinson morreu, em 1895, a fábrica ficou entregue ao seu filho George Wheelhouse Robinson que já a administrava há longos anos.

O primeiro registo que encontramos sobre a Fábrica Robinson está no Arquivo Distrital de Portalegre, no fundo Registo Notarial e diz respeito à aquisição de cortiça em 16 de julho de 1855. Após a análise da documentação disponível os historiadores chegaram à conclusão que a família Robinson não comprou terras de montado, a extração que fazia da cortiça vinha das terras que alugava ou mesmo dos sobreiros que alugava por largos períodos.

Tanto George Robinson como o seu filho George Wheelhouse Robinson tiveram um papel bastante ativo na sociedade portalegrense. Em 1896 este último foi um dos fundadores da Sociedade União Operária Portalegrense, em 1898 criou a Associação Comercial e Industrial de Portalegre, em 1903 foi o impulsionador da Creche Baptista Rolo para a qual cede terrenos, ainda nesse ano apoiou e patrocinou o Teatro Recreio Operário. É ainda a esta família que se deve a implantação em Portalegre da Igreja Evangélica, da qual eram devotos, e que até hoje permanece e do 1º Montepio.⁴⁷

Os Robinson não se dedicaram somente à indústria da cortiça, em 1897 compraram em Portalegre a Fábrica de Lanifícios e no ano seguinte a Real Fábrica de Lanifícios.

No ano de 1898 deflagrou "um violento incêndio que devorou por completo o parque de matérias-primas da Fábrica de Cortiça Robinson"⁴⁸. Este trágico acontecimento fez com

⁴³MENDES, Manuela - *Espaço Robinson: Notas Históricas*. p.1 [consultado em 14 de julho 2012]. Disponível em <http://www.cm-portalegre.pt/resources/2080/zoom/robinson.pdf>

⁴⁴ROMÃO, Laura Portugal - *Colecção Sequeira – Do Armazém há reserva*. [Texto Policopiado] Lisboa: [s.n.], 2009 Projecto final de Licenciatura, p. 5

⁴⁵Ibidem.

⁴⁶VENTURA, António – "Para uma Cronologia da Fábrica Robinson" in GOUVEIA, António Camões - Publicações da Fundação Robinson nº 0. *Para a História da Fundação*; Portalegre: Gráfica Maiadouro, 2007, p.17.

⁴⁷Dedicava-se à assistência a doentes quando estes não podiam trabalhar.

⁴⁸George W. Robinson. Um dos melhores e mais valiosos amigos de Portalegre, de sempre." in *Fonte Nova* nº1422 de 16 janeiro 2007. Suplemento, p. III.

que fossem os impulsionadores dos Bombeiros Voluntários de Portalegre e que em 1908 tivessem criado o Corpo de Bombeiros Voluntários Privativos da Robinson.

No início do século XX a Fábrica Robinson “ocupa uma área total de 6 hectares, tem mais de 1000 funcionários,”⁴⁹ sendo o principal empregador da região.

Em 1915 a família Robinson abriu o capital da fábrica a novos sócios, surgindo assim a companhia anónima *Robinson Bros. Cork Growers Limited*, ainda com sede em Halifax.

Se nos primeiros anos a fábrica se dedicava quase em exclusivo ao fabrico de rolhas, em 1920 começou a fabricar aglomerado de cortiça e em 1948 o aglomerado negro para o qual foram instaladas “12 autoclaves/prensas e uma linha completa de serras para dimensionamento do produto.”⁵⁰

Em 1941 entram novos acionistas na fábrica, desta vez portugueses e herdeiros da Família Robinson, criando-se assim a *Sociedade Corticeira Robinson Bros Lda*. Mas as dificuldades financeiras, resultantes da Segunda Guerra Mundial, levaram a novo aumento de capital em 1946, desta vez somente português. A família Robinson deixou assim de estar à frente dos destinos da fábrica e volta para Inglaterra. Os anos seguintes são de prosperidade, o aglomerado negro dá grande visibilidade à fábrica e as exportações para todo o mundo aumentam. A revolução de abril de 1974 que, no Alentejo, se caracterizou por profundas alterações sociais, deixa algumas marcas na fábrica. Foi na década de 80 do século XX que as necessidades de mudanças estruturais se acentuaram, algumas ainda tiveram lugar, no entanto a fábrica de ano para ano foi ficando cada vez mais obsoleta, as encomendas foram diminuindo, bem como o número de operários.

Quando fechou portas, em fevereiro de 2009, as condições de trabalho e de segurança eram bastante difíceis e as máquinas e a tecnologia estavam bastante ultrapassadas. Até aos últimos dias de laboração foram mantidas a trabalhar numerosas estruturas e equipamentos do século XIX.

Atualmente a fábrica está instalada na zona industrial de Portalegre com a denominação de *Robcork*, no entanto até à data não entrou em laboração.

A Fábrica Robinson foi crescendo à medida das necessidades, não tendo por isso uma planta ordenada. Um dos edifícios mais antigos e construídos de raiz foi a oficina das rolhas do final do século XIX, tem 3 pisos e grandes janelas de madeira que refletem a necessidade de luz natural para a escolha das rolhas, num período em que não existia ainda luz elétrica. Durante os anos de laboração e seguindo a tradição dos seus fundadores, a fábrica abriu as portas à população. Entre junho e agosto de 2003 puderam ser vistas diversas exposições que estiveram espalhadas um pouco por toda a fábrica. Na galeria

⁴⁹ROMÃO, Laura Portugal - *Colecção Sequeira – Do Armazém há reserva*. [Texto Policopiado] Lisboa: [s.n.], 2009. Projecto final de Licenciatura, p.5.

⁵⁰VENTURA, António – “Para uma Cronologia da Fábrica Robinson” in GOUVEIA, António Camões - Publicações da Fundação Robinson nº 0. *Para a História da Fundação*; Portalegre: Gráfica Maiadouro, 2007, p. 23.

comercial estiveram expostos trabalhos feitos em cortiça, na sala das rolhas duas exposições “O que colecionam. O quê e o Porque” e “O que fazemos quando nada fazemos”, na sala dos arcos 62 fotografias a preto e branco sobre a família Robinson, na sala das chaminés das Câmaras de Arrefecimento de Blocos uma exposição de Ervas Medicinais e na Sala de Despoejamento duas exposições de pintura uma de Vasco Karamfilov Baldzhièv e outra de Barbara Walraven.

Na fábrica existiu ainda uma loja onde se podiam comprar produtos feitos em cortiça e uma galeria comercial onde estavam expostos todos os produtos que a fábrica produzia.

Ao longo dos anos a fábrica teve diversos sócios e administrações, mas o nome Robinson sempre esteve associado à mesma e por consequente à Cidade de Portalegre, sendo as suas imponentes chaminés, que noutros tempos lançavam fumo branco e negro, um dos ex-libris da cidade.